O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano VII | Volume 22 | Nº 65 | Boa Vista | 2025

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.15485551

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

NOMOFOBIA E EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE A PARTIR DE CARACTERÍSTICAS DA PERSONALIDADE DE ESTUDANTES

William Ribeiro da Silva Nascimento[1]

João Gabriel Modesto[2]

Sônia Bessa[3]

Resumo

O aumento do uso da tecnologia tem diferentes impactos, como a nomofobia, um tipo de fobia associada à tecnologia. Apesar de ser um fenômeno prevalente, inclusive no campo da educação, sua incidência pode variar em função de características de personalidade do indivíduo. O presente estudo buscou analisar o papel moderador dos traços de personalidade de alunos universitários na relação entre nomofobia e intensidade do uso da tecnologia, a partir da Teoria dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade. Participaram deste estudo correlacional online 75 acadêmicos, que responderam à Escala Psicométrica para Identificar Níveis de Intoxicação e Nomofobia (Epinin) (α = 0,916), a Escala Reduzida de Cinco Dimensões da Personalidade (Abertura α = 0,727, Generosidade α = 0,859, Conscienciosidade α = 0,801, Extroversão α = 0,874 e Neuroticismo α = 0,838) e uma medida de intensidade de uso de tecnologia. Por meio de estatística descritiva, verificou-se um percentual elevado de estudantes classificados como nomofóbicos. Além disso, por meio de Testes de Correlação de Pearson, chama a atenção que as dimensões da personalidade se relacionaram com usos diferentes da tecnologia, embora apenas o neuroticismo tenha tido relação significativa com a nomofobia. Sobre a moderação, por meio de modelos de regressão linear, verificou-se que o neuroticismo intensificou a relação entre nomofobia e a intensidade de uso para redes sociais, bem como uso de aplicativos para serviços diversos. Conclui-se que, apesar de a nomofobia ser prevalente, existem características individuais (i.e., personalidade) que contribuem com sua compreensão. Ou seja, isso indica que os impactos do uso da tecnologia tendem a variar em função de fatores intraindividuais.

Palavras-chave: Dependência Tecnológica; Nomofobia; Personalidade.

Abstract

The rise in technology use has led to various impacts, including nomophobia, a type of technology-related phobia. Although nomophobia is a prevalent phenomenon, even within educational contexts, its incidence may vary depending on individual personality traits. Guided by the Five-Factor Theory of Personality, this study aimed to examine the moderating role of university students' personality traits in the relationship between nomophobia and the intensity of technology use. A total of 75 undergraduate students participated in this online correlational study, completing the Psychometric Scale to Identify Levels of Intoxication and Nomophobia (Epinin) (α = 0.916), the Short Five-Factor Personality Inventory (Openness α = 0.727, Agreeableness α = 0.859, Conscientiousness α = 0.801, Extraversion α = 0.874, and Neuroticism α = 0.838), and a measure of technology use intensity. Descriptive statistics revealed a high percentage of students classified as nomophobic. Furthermore, Pearson correlation tests highlighted that the personality dimensions were associated with different patterns of technology use, although only neuroticism showed a significant relationship with nomophobia. Regarding moderation, linear regression models indicated that neuroticism intensified the relationship between nomophobia and the intensity of social media use, as well as the use of apps for various services. In conclusion, although nomophobia is widespread, individual characteristics (i.e., personality traits) contribute to its understanding. This suggests that the impacts of technology use tend to vary as a function of intraindividual factors.

Keywords: Nomophobia; Personality; Technological Dependence.

[1] Mestre em Gestão, Educação e Tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: williamsilva.ribeiro@gmail.com

[2] Professor da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Doutor em Psicologia. E-mail: joao.modesto@ueg.br

[3] Professora da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Doutora em Educação. E-mail: sonia.bessa@ueg.br

INTODUÇÃO

O avanço e a disseminação das tecnologias digitais – como smartphones, redes sociais e aplicativos móveis – trouxeram benefícios para a sociedade. No entanto, o uso excessivo e, por vezes, desregulado desses dispositivos tem gerado preocupações crescentes, especialmente no campo da educação. Um dos fenômenos emergentes nesse contexto é a nomofobia, definida como o medo irracional de ficar sem acesso ao telefone celular ou às tecnologias digitais, caracterizando-se como um tipo de dependência tecnológica com impactos emocionais e comportamentais relevantes.

A crescente prevalência da nomofobia entre jovens universitários acende um alerta para a compreensão dos fatores que influenciam esse fenômeno. Ainda que o uso da tecnologia seja comum nessa faixa etária, observa-se que nem todos desenvolvem os mesmos níveis de dependência ou desconforto frente à ausência dos dispositivos. Essa constatação sugere a existência de variáveis individuais que possam interferir na relação entre o uso da tecnologia e a manifestação da nomofobia.

Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo analisar o papel dos traços de personalidade como moderadores na relação entre a nomofobia e a intensidade de uso da tecnologia por estudantes universitários. A escolha por essa população justifica-se pela frequência elevada com que utilizam recursos tecnológicos, tanto para fins acadêmicos quanto sociais, e pela necessidade de compreender os impactos desse uso em sua saúde emocional e comportamental.

Para fundamentar a análise, o estudo utiliza como referencial teórico o modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade, que compreende os traços de extroversão, amabilidade, conscienciosidade, abertura à experiência e neuroticismo. O marco metodológico da pesquisa é quantitativo, com delineamento correlacional e aplicação de escalas psicométricas validadas para medir os níveis de nomofobia, intensidade de uso da tecnologia e traços de personalidade.

Este texto está estruturado da seguinte forma: a próxima seção apresenta uma revisão teórica sobre os conceitos de nomofobia e personalidade, abordando estudos que relacionam ambos os construtos. Em seguida, descreve-se a metodologia utilizada, incluindo participantes, instrumentos, procedimentos de coleta e análise de dados. A seção seguinte apresenta os resultados obtidos, com destaque para as correlações encontradas e análises de moderação. Por fim, são discutidos os achados à luz da literatura, apontando implicações, limitações e sugestões para pesquisas futuras.

REFERENCIAL TEÓRICO

A eclosão de tecnologias contemporâneas digitais, tais como: *smartphones*, *tablets*, computadores, internet, redes sociais, celulares, dentre outras, ocasionou numerosos proveitos à

sociedade, proporcionando grandes melhorias na comunicação, reduzindo distâncias entre as pessoas e seus grupos de afinidades e amplificando o mercado de oportunidades de estudo e trabalho. Especificamente no campo da educação, são diversas as possibilidades do uso de tecnologias, ainda que a compreensão de muitos docentes sobre o assunto seja limitada (MORAES; HUMMEL; SILVA, 2023). Para além dos impactos positivos, ressalta-se que o uso dessas tecnologias de forma inadequada pode causar muitos impactos negativos (SIQUEIRA; MODESTO; BESSA, 2023), físicos e/ou psíquicos, apresentando alterações significativas em comportamentos, costumes, condutas, emoções e relações sociais das pessoas. Segundo Prensky (2001), os nativos digitais convivem com as tecnologias da informação e da comunicação (TICs) desde seu nascimento, portanto, são adultos, jovens e crianças que têm acesso rápido e fácil a um mundo de informação digital.

De acordo com o relatório da *International Telecommunications Union* (ITU, 2022), dois terços da população mundial utilizam a internet, ou seja, cerca de 5,3 bilhões de pessoas, ou 66% da população mundial, estão conectados à rede mundial de computadores. Em todo o mundo, 75% das pessoas com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos fizeram uso da internet em 2022, e, em todas as regiões do mundo, as pessoas com essa faixa etária estão sendo as mais conectadas, mais do que as pessoas mais velhas ou mais jovens. Entre a população universitária, há mais de 95% de utilização da internet.

É sabido que a intensidade de uso da tecnologia tende a se relacionar com a dependência tecnológica (MODESTO; FONSECA; SOUSA, 2022). Apesar dessa tendência geral, existem características individuais que podem interferir na relação entre uso da tecnologia e nomofobia. Atento a isso, o presente estudo analisa o papel moderador dos traços de personalidade na relação entre nomofobia e intensidade do uso de tecnologia. Segundo Khoury (2018, p. 20), as dependências de internet e de smartphone são as dependências tecnológicas mais estudadas na última década. Nesse contexto, a nomenclatura "nomofobia" foi criada após observação de sujeitos com sensações e sentimentos de angústia e desconforto relacionados à convivência inadequada e excessiva com as tecnologias (celular, computador e/ou internet).

Os sujeitos com esses sintomas são considerados nomofóbicos ou dependentes tecnológicos (KING; NARDI; CARDOSO, 2014). O termo "nomofobia" teve origem na Inglaterra a partir da junção da expressão no-mobile – que significa, em tradução livre, sem celular – e da palavra fobia, do grego "fobós" – que significa aversão, repulsa ou medo –, e, assim, denomina a fobia de ficar sem telefone celular/tecnologia. Observa-se que, no Brasil, ainda são poucos os trabalhos que tratam da temática (MODESTO *et al*. 2024). Apesar de a nomofobia ser um fenômeno robusto, existem diferenças individuais na sua expressão, por exemplo, ela foi mais identificada entre as estudantes do sexo feminino, se comparados os dados quanto aos estudantes do sexo masculino. Verificou-se, ainda, que,

quanto mais tempo o estudante possuía um smartphone e maior a intensidade do uso, maiores os riscos de nomofobia (GEZGIN; CAKIR; YILDIRIM, 2018). Há também evidências que o narcisismo é um elemento importante para a compreensão da nomofobia (YILMAZ; KARA; YILMAZ, 2024).

Tais achados apontam para a relevância de considerar diferenças individuais no estudo da nomofobia. Esse entendimento nos leva a focar no estudo da personalidade como uma possível característica intraindividual para o estudo da nomofobia. De maneira mais específica, analisaremos as características da personalidade como um moderador (BARON; KENNY, 1986) (i.e. variável, que vai interferir na intensidade da relação) da relação entre nomofobia e intensidade de uso da tecnologia.

Personalidade

Existem diferentes definições de personalidade. Porém, uma proposta de definição, que busca agregar diferentes elementos de conceituações anteriores, entende a personalidade como um conjunto de traços e estilos que a pessoa apresenta, representando disposições (i.e. inclinações pessoais) e formas em que essa pessoa se diferencia de outras (BERGNER, 2020).

Portanto, entende-se que a personalidade descreve os padrões relativamente duradouros de cognição, emoção e comportamento dos indivíduos, que distinguem as pessoas (ROBERTS; WOOD; CASPI, 2008). Nesse sentido, a personalidade organiza os processos psicológicos internos que guiam o comportamento, permitindo certa previsibilidade nas ações de uma pessoa quando ela age sob circunstâncias similares. Apesar desse entendimento, é digno de nota que a personalidade não é um fenômeno isolado, mas está inserida em um contexto cultural, histórico e relacional, sendo continuamente construída e expressa nas interações sociais, podendo, inclusive, se modificar ao longo do tempo, ainda que não de maneira alargada (JACKSON; WRIGHT, 2024).

Um modelo altamente influente que descreve a estrutura da personalidade é o modelo de cinco fatores (MCCRAE; COSTA, 2008). Para Zhao e Seibert (2006), o paradigma dos cinco grandes fatores da personalidade (CGF), o Big Five, comporta organizar grande pluralidade de variáveis de personalidade em um pequeno, porém considerável, conjunto de estruturas de personalidade.

Os cinco traços amplos de personalidade descritos pela teoria são: extroversão, amabilidade, abertura à experiência, conscienciosidade e neuroticismo. A abertura à experiência refere-se a um perfil de personalidade em que as pessoas não têm medo de novos desafios, são versáteis, imaginativas e, muitas vezes, exibem alto grau de criatividade (YONG, 2007). Já a extroversão opera no terreno das relações do sujeito com o mundo social e material (BRANDSTÄTTER, 2010), o que inclui características como a sociabilidade, as atividades com o mundo externo, a assertividade nas relações e

as emoções positivas. O terceiro traço de personalidade é a "amabilidade" e diz respeito à capacidade de promover o consenso social, que mantém a compreensão mútua e a confiança (LLEWELLYN; WILSON, 2003; YONG, 2007). O quarto traço de personalidade é a conscienciosidade e se refere à meticulosidade de um indivíduo, à conformidade com regras e procedimentos e à obsessão incessante em manter altos padrões de desempenho (LLEWELLYN; WILSON, 2003; YONG, 2007). Já o neuroticismo refere-se ao grau de instabilidade emocional do indivíduo (LLEWELLYN; WILSON, 2003; YONG, 2007). Os indivíduos neuróticos, frequentemente, apresentam mudanças de humor, impulsividade, autoconsciência, baixa autoestima e depressão (COSTA; MCCRAE, 1992).

Explorando a correlação entre personalidade, habilidades interpessoais e entendimento emocional com o uso da internet, Engelberg e Sjöberg (2004) utilizaram instrumentos para avaliar esses construtos em uma amostra de 41 alunos de graduação do curso de Finanças, com idades variando entre 18 e 28 anos. Foram aplicados instrumentos específicos para avaliação da personalidade no modelo CGF, aspectos emocionais e sociais, valores, relação trabalho-lazer e identificação dos tipos de uso da internet. Os resultados não identificaram uma correlação entre a personalidade e o uso da internet, mas sugeriram que os usuários frequentes tendem a ser solitários, alguns exibindo falta de sensibilidade e de aptidões sociais típicas de alta inteligência emocional. Com relação ao desempenho em tecnologias de informação e comunicação, algumas habilidades básicas, como criatividade para desenvolver soluções e novos produtos, flexibilidade, resolução de problemas, criticidade ética e planejamento estratégico, podem ser vinculadas ao fator de desempenho do modelo CGF. Alguns aspectos desse fator de personalidade podem influenciar os resultados dos instrumentos de avaliação de TIC, como grau de organização, persistência, controle e motivação para atingir metas.

Os traços de personalidade do Big Five também contribuem com a compreensão do *fear of missing out* (i.e. medo de não acompanhar atualizações e eventos, associado a uma curiosidade constante em saber o que outras pessoas estão fazendo), fenômeno relacionado ao uso intenso de redes sociais (ZHANG *et al*, 2024). Em um estudo meta-analítico composto por 35 estudos empíricos (n = 18.964), os autores identificaram uma relação entre *fear of missing out* com as dimensões de extroversão e amabilidade.

O Big Five auxilia também na compreensão da aceitação do uso de tecnologias de forma ampliada, não apenas de redes sociais. Em um estudo desenvolvido em nove países com 9.339 participantes, os autores identificaram que as dimensões do Big Five estiveram relacionadas a diferentes componentes da aceitação do uso de veículos automatizados (NORDHOFF; LEHTONEN, 2025), reforçando o papel da personalidade na compreensão de fenômenos relacionados à tecnologia.

Interessante notar que, para além da identificação dos traços de personalidade com preditores do uso da tecnologia, estudos recentes têm apontado para o papel da tecnologia em identificar traços de personalidade. Em um estudo utilizando o ChatGPT, a ferramenta foi capaz de predizer os traços de personalidade de usuários do Facebook, a partir da atualização de status desses usuários, sendo o efeito mais robusto para usuários mais jovens e mulheres. Foi encontrada uma correlação de r = 0,29 entre as inferências feitas pelo ChatGPT e medidas de autorrelato (PETERS; MATZ, 2024).

Nomofobia e personalidade

Alguns estudos corroboram também a relação entre os traços de personalidade com a nomofobia. Dib *et al*. (2022) identificaram que à medida que o uso do que é digital se torna mais prevalente nos aspectos pessoais e profissionais da vida, a nomofobia pode tornar-se um risco de ansiedade. Os resultados de uma regressão linear, tomando o escore de nomofobia como variável dependente, mostraram que maior neuroticismo estava significativamente associado com maior nomofobia, enquanto maior agradabilidade e distanciamento foram significativamente associados com menor nomofobia.

Segundo Dalbudak, Yilmaz e Yigit (2020), foi encontrada relação inversa estatisticamente significante entre os níveis de nomofobia dos indivíduos e os escores totais da escala de personalidade de cinco fatores. De acordo com os resultados obtidos, à medida que os níveis de nomofobia dos indivíduos aumentam, os escores totais da escala de personalidade de cinco fatores diminuem. Já para Okoye, Harry e Obikwelu (2017), a extroversão, o neuroticismo e a abertura para experimentar predizem positiva e significativamente a nomofobia, enquanto a conscienciosidade e a socialização não predizem significativamente a nomofobia entre os participantes estudados.

Em outro estudo sobre as dimensões do Big Five e nomofobia (TURAN; YILMAZ, 2024), por meio de um estudo correlacional com 484 estudantes universitários, verificou-se, por meio de regressões múltiplas, relações positivas entre extroversão, abertura à experiência e neuroticismo com nomofobia. De acordo com os autores, o medo de não conseguir se comunicar está mais presente em pessoas com altos índices de neuroticismo. Já pessoas com altos níveis de abertura à experiência tendem a sentir medo de perder conveniências oriundas da tecnologia.

Efeitos do Big Five na nomofobia também foram encontrados em outro estudo com 244 usuários de Smartphones (NASRAN; SEMAN, 2024). Por meio de modelos de regressão, os autores identificaram que todas as dimensões do Big Five apresentaram relações significativas com níveis de nomofobia.

Outra investigação focando na relação entre Big Five e uso de smartphone (BHAYANGKARA; LERIK; BENU, 2024) corroboraram o papel da conscienciosidade, neuroticismo e extroversão para a compreensão do uso excessivo de smartphones. Porém, não identificaram relações entre amabilidade e abertura à experiência.

O efeito do Big Five na nomofobia também é identificada em estudantes do ensino médio (BAYIROĞLU; DALBUDAK; PEPE, 2025). Diferente de outros estudos que encontraram efeitos gerais do Big Five (NASRAN; SEMAN, 2024), Bayıroğlu, Dalbudak e Pepe (2025) apresentaram evidências do papel da extroversão na nomofobia, indicando o papel relevante deste traço quando analisados estudantes mais jovens.

Apesar de alguns dados discrepantes entre si, os resultados revisados evidenciam que a personalidade pode ser um fator relevante para a compreensão do uso da tecnologia e da nomofobia. Tendo em vista essa importância, a presente pesquisa tem como objetivo geral analisar o papel moderador dos traços de personalidade na relação entre nomofobia e intensidade do uso de tecnologia de estudantes universitários. Acreditamos que investigações específicas com estudantes universitários é fundamental, tendo em vista ser um público jovem, com elevado uso da tecnologia para diferentes fins (MODESTO; FONSECA; SOUSA, 2022). Em estudo anterior também focado em universitários, os autores identificaram que diferentes usos da tecnologia por estudantes podem contribuir com a nomofobia (MODESTO; FONSECA; SOUSA, 2022). Portanto, investigar possíveis moderadores dessa relação é importante, de modo que sejam apresentadas evidências de quais características individuais de estudantes os deixem em maior ou menor risco no que se refere ao uso da tecnologia.

Ressalta-se ainda que os dados discrepantes entre os estudos revisados realçam a necessidade de investigações que sejam culturalmente situadas para identificação dos efeitos psicológicos (PETTIGREW, 2018). Ou seja, é preciso desenvolver pesquisas no contexto brasileiro, de modo que sejam testados os efeitos específicos sobre o papel da personalidade com uma amostra não WEIRD (HENRICH; HEINE; NORENZAYAN, 2010) do sul global. O teste neste perfil de amostra permite analisar a extensão do efeito da personalidade na nomofobia em um país ainda com poucas investigações sobre o tema.

MÉTODO

Assim como estudos anteriores (BHAYANGKARA; LERIK; BENU, 2024; NASRAN; SEMAN, 2024; TURAN; YILMAZ, 2024), foi utilizado um desenho correlacional para identificação de

dados primários sobre a relação entre personalidade e nomofobia com uma amostra de estudantes brasileiros.

Participantes

Participaram da pesquisa 75 estudantes universitários, a maioria de instituições privadas (72,00%) e do sexo masculino (52,00%). Os estudantes relataram estar matriculados em 21 cursos diferentes, embora a maioria esteja vinculada ao curso Sistemas de Informações (37,50%). Independentemente do curso, a maioria dos participantes declarou cursar o primeiro semestre (24,00%). As idades variaram de 23 a 69 anos (M = 23,39; DP = 4,83). A renda média familiar oscilou de menos de 1 salário-mínimo (0,04%) até acima de 7 salários (18,70%), sendo que a maioria da amostra tem renda entre 1 e 3 salários (33,30%).

Instrumentos

Foi utilizada a dimensão da nomofobia da Escala Psicométrica para identificar níveis de infoxicação e nomofobia (Epinin) (KWIECINSKI, 2019). O fator é composto por 20 itens, que devem ser respondidos em uma escala de 1 (nunca) a 5 (sempre). Nesse estudo, a escala demonstrou favoráveis índices de consistência interna ($\alpha = 0,916$), apresentando, com isso, níveis confiáveis para a aferição do construto. Essa dimensão admite fazer uma exploração das evidências da presença de nomofobia e a categorização dos participantes em não nomofóbico ou em nomofóbico. A medida tem sido utilizada em outros estudos recentes sobre o tema (CUNHA *et al*., 2024; PIRES; OLIVEIRA; SILVA; MODESTO, 2025)

A Escala Reduzida dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade apresentou-se como um instrumento de fácil entendimento e aplicação e que demanda um tempo reduzido para que o participante possa responder (PASSOS; LAROS, 2015). Apesar das limitações de instrumentos de autorrelato para avaliar personalidade (RAUTHMANN, 2023), a medida tem sido utilizada em estudos recentes (GANEM *et al*., 2020; MODESTO; PEREIRA; CARVALHO, 2021; PANCORBO *et al*., 2021). Pôde-se observar, conforme já havia sido evidenciado por Kashiwagi (2002) e Perugini e Di Blas (2002), vantagens das escalas de adjetivos. A medida é composta por 20 itens, sendo quatro itens para cada dimensão do Big Five, que devem ser respondidos seguindo uma escala de 5 pontos em que 1 e 5 correspondem a extremos opostos. A confiabilidade de cada fator pode ser visualizada na Tabela 1.

Tabela 1 – Escalas de confiabilidade

Índices de confiabilidade dos traços de personalidades – *Big Five*		
	Traço de personalidade	**Valor α**
Escala de confiabilidade	Abertura	α = 0,727
	Amabilidade	α = 0,859
	Conscienciosidade	α = 0,801
	Extroversão	α = 0,874
	Neuroticismo	α = 0,838

Fonte: Elaboração própria.

Para medir a intensidade do uso de aparatos tecnológicos, com foco na frequência e no tipo de uso da tecnologia, este estudo baseou-se em uma estratégia de pesquisa que buscou avaliar a intensidade do uso de internet, redes sociais e smartphones. Nesse sentido, foram utilizados 4 itens baseados em estudos anteriores (MODESTO; FONSECA; SOUSA, 2022): "Qual a intensidade de uso diário que você faz de seu smartphone para atividades educacionais?"; "Qual a intensidade de uso diário que você faz de seu smartphone para checar suas redes sociais?", "Qual a intensidade de uso diário que você faz de seu smartphone para uso de aplicativos de mensagens instantâneas (como WhatsApp Messenger, Telegram, Signal, entre outros)?", "Qual a intensidade de uso diário que você faz de seu smartphone para serviços diversos (como aplicativos de comida, transporte, entre outros)?". Esses itens foram respondidos usando em escala Likert de 5 pontos, variando de 1 (nada frequente) a 5 (totalmente frequente).

Os participantes responderam também a um questionário sociodemográfico composto por um conjunto de itens com perguntas sobre sexo, idade, renda, bem como informações sobre a tipo de instituição e semestre letivo ao qual estavam vinculados quando da resposta ao questionário.

Procedimentos de coleta e análise de dados

A pesquisa foi desenvolvida online por meio da plataforma Google Forms. Ao aceitar participar, os acadêmicos responderam ao questionário na seguinte ordem: Escala de Nomofobia, medida de intensidade de uso da tecnologia, Escala Reduzida dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade e, por fim, dados sociodemográficos. Os participantes foram convidados a partir de uma lista de contato de estudantes universitários, ou seja, foi utilizado o critério de acessibilidade.

Os dados da presente pesquisa foram tabulados utilizando os softwares Jamovi e SPSS. Para alcançar o objetivo do estudo, foi realizado o teste de correlação de Pearson, bem como o Modelo 1 do Processo SPSS para análise da moderação.

RESULTADOS

Para melhor compreensão do perfil dos participantes, eles foram identificados como: 1) "não nomofóbicos" (média inferior a 3 na Escala de Nomofobia); e 2) "nomofóbicos" (média superior ou igual a 3), semelhante ao realizado em estudos anteriores (MODESTO; FONSECA; SOUSA, 2022). Verificou-se que 32% da amostra foi classificada como nomofóbica e 68% como não nomofóbica, evidenciando que a maior parcela da amostra não possui elevados índices de nomofobia.

Adicionalmente, buscou-se conhecer a proporção entre os estudantes e a intensidade de uso de tecnologia, como nas análises descritivas e nos parâmetros apresentados anteriormente. Os resultados podem ser visualizados na Tabela 2.

Tabela 2 – Análise descritiva dos participantes com relação ao uso intenso de tecnologia

	Nível	Contagem	Total	Proporção
Uso intenso de redes sociais	Sim	54	75	0,720
	Não	21	75	0,280
Uso intenso de aplicativos mensagem	Sim	64	75	0,853
	Não	11	75	0,147
Uso intenso de serviços diversos	Sim	46	75	0,613
	Não	29	75	0,387

Fonte: Elaboração própria.

Conforme visualizado na Tabela 2, 72% dos estudantes fazem um uso intenso de redes sociais. Dado que corrobora pesquisas anteriores sobre uso de redes sociais por adultos jovens (MODESTO; FONSECA; SOUSA, 2022).

O uso da tecnologia para aplicativos de mensagem também foi intenso (totalizando 85,3%). Esse elevado uso também foi identificado em estudos anteriores (MODESTO; FONSECA; SOUSA, 2022).

Por sua vez, o uso para serviços diversos foi intenso para 61,3%. Embora esse valor seja menor do que de outras categorias na presente coleta, se mostra elevado quando comparado com outras pesquisas com perfil amostral semelhante (MODESTO; FONSECA; SOUSA, 2022).

Para além do padrão geral de nomofobia e intensidade de uso da tecnologia, buscou-se testar o relacionamento entre tais variáveis e as dimensões da personalidade por meio de um Teste de Correlação de Pearson. Os resultados podem ser visualizados na Tabela 3.

Conforme a Tabela 3, foi verificado que a nomofobia teve uma relação significativa com a intensidade de uso para redes sociais, de aplicativos de mensagens e de serviços diversos, porém, não se relacionando com a intensidade para fins educacionais.

Tabela 3 – Matriz de correlações

		Nomofobia	Uso para educação	Uso de rede social	Uso de aplicativo de mensagens	Uso de serviços diversos	Extroversão	Conscienciosidade	Amabilidade	Neuroticismo
Nomofobia	R de Pearson	—								
	p-value	—								
Uso para educação	R de Pearson	0,085	—							
	p-value	0,470	—							
Uso de rede social	R de Pearson	0,631	0,305	—						
	p-value	<0,001	0,008	—						
Uso de aplicativo de mensagem	R de Pearson	0,562	0,224	0,692	—					
	p-value	<0,001	0,053	<0,001	—					
Uso de serviços diversos	R de Pearson	0,338	0,290	0,436	0,410	—				
	p-value	0,003	0,012	<0,001	<0,001	—				
Extroversão	R de Pearson	0,051	0,318	0,197	0,215	0,136	—			
	p-value	0,666	0,005	0,091	0,063	0,245	—			
Conscien-ciosidade	R de Pearson	-0,191	0,387	-0,036	0,042	0,056	0,228	—		
	p-value	0,100	<0,001	0,756	0,719	0,632	0,049	—		
Amabilidade	R de Pearson	0,089	0,148	0,128	0,265	0,079	0,078	0,229	—	
	p-value	0,446	0,204	0,275	0,022	0,499	0,508	0,048	—	
Neuroticis-mo	R de Pearson	0,438	0,016	0,325	0,231	0,169	0,116	-0,226	-0,120	—
	p-value	<0,001	0,889	0,004	0,046	0,148	0,323	0,051	0,307	—
Abertura	R de Pearson	-0,056	0,258	-0,020	0,060	0,132	0,331	0,489	0,469	0,012
	p-value	0,633	0,025	0,868	0,607	0,258	0,004	<0,001	<0,001	0,919

Fonte: Elaboração própria.

Além disso, no que se refere à personalidade, a nomofobia teve uma relação significativa com o traço de neuroticismo, indicando que maiores índices de neuroticismo se relacionam a maiores índices de nomofobia.

Tendo em vista o padrão encontrado no Teste de Correlação (especificamente a relação significativa entre nomofobia e neuroticismo), para o alcance do objetivo geral da presente pesquisa, foram conduzidas análises de moderação do papel do neuroticismo na relação entre nomofobia e intensidade do uso da tecnologia por meio do Modelo 4 do Process SPSS. Os resultados dos testes de moderação são apresentados na Tabela 4.

Verifica-se, na Tabela 4, que foi encontrado um efeito de interação entre neuroticismo e nomofobia para a compreensão da intensidade de uso de redes sociais. Para melhor compreender esse efeito, foi testado o efeito das variáveis por níveis de neuroticismo.

O teste por níveis de neuroticismo evidenciou que, apesar do efeito de interação, a nomofobia segue se relacionando com a intensidade de uso de redes sociais tanto para pessoas com baixo neuroticismo (b = 1,3546, p < 0,001, LIIC = 0,8967, LSIC = 1,8125) como para pessoas com alto neuroticismo (b = 0,6551, p < 0,001, LIIC = 0,2946, LSIC = 1,0156). Portanto, resta evidenciado que

tanto para pessoas com baixo neuroticismo como para pessoas com alto neuroticismo a nomofobia está associada ao uso intenso de redes sociais.

Tabela 4 – Papel do neuroticismo como moderador da relação entre nomofobia e intensidade de uso de redes sociais

Model – Perspectiva do neuroticismo						
	Coeff	**SE**	**t**	**p**	**LLCI**	**ULCI**
VD: Uso de redes sociais						
Constant	-2,0140	1,2267	-1,6418	0,1051	-4,4601	0,4320
Nomofobia	2,0541	0,4936	4,1615	0,0001	1,0699	3,0383
Neuroticismo	1,9297	0,7683	2,5117	0,0143	0,3978	3,4617
Nomofobia X Neuroticismo	-0,6995	0,2923	-2,3932	0,0193	-1,2823	-0,1167
VD: Aplicativos de mensagem						
Constant	0,7263	1,3114	0,5538	0,5814 -	1,8886	3,3411
Nomofobia	1,3374	0,5277	2,5345	0,0135	0,2852	2,3895
Neuroticismo	0,6686	0,8213	0,8140	0,4183	-0,9691	2,3063
Nomofobia x Neuroticismo	-0,3033	0,3125	-0,9708	0,3350	-0,9263	0,3197
VD: Aplicativos para fins diversos						
Constant	4,5522	1,7853	2,5498	0,0129	0,9924	8,1120
Nomofobia	-0,6299	0,7183	-0,8769	0,3835	-2,0623	0,8024
Neuroticismo	-1,9442	1,1181	-1,7388	0,0864	-4,1737	0,2853
Nomofobia x Neuroticismo	0,7651	0,4254	1,7987	0,0763	-0,0831	1,6133
VD: Tecnologia para fins educacionais						
Constant	5,1579	1,4205	3,6310	0,0005	2,3254	7,9903
Nomofobia	-0,5380	0,5716	-0,9413	0,3498	-1,6777	0,6017
Neuroticismo	-1,0661	0,8897	-1,1983	0,2348	-2,8400	0,7079
Nomofobia x Neuroticismo	0,4075	0,3385	1,2039	0,2326	-0,2674	1,0823

Fonte: Elaboração própria.

Já no que se refere ao uso para aplicativos de mensagem, o efeito da interação não foi significativo. Ou seja, independente dos níveis de neuroticismo, houve relação entre nomofobia e o uso da tecnologia para este fim.

Sobre o uso da tecnologia para fins diversos, foi observado um efeito marginalmente significativo de interação. A decomposição dos efeitos evidenciou que a relação entre nomofobia e intensidade de uso da tecnologia foi maior quando os índices de neuroticismo foram elevados (b = 0,9003, p = 0,0010, LIIC = 0,3752, LSIC = 1,4250), não sendo significativa quando o índice de neuroticismo foi baixo (b = 0,1352, p = 0,6871, LIIC =- 0,5312, LSIC = 0,8016).

Por fim, sobre a relação entre nomofobia e uso da tecnologia para fins educacionais, não foi encontrado efeito de interação, nem efeito direto. Portanto, a nomofobia não apresenta relação com o uso da tecnologia para fins educacionais, independente dos índices de neuroticismo.

DISCUSSÃO

Conforme já informado, o presente estudo teve o objetivo de analisar o papel moderador dos traços de personalidade na relação entre nomofobia e intensidade do uso de tecnologia. Afinal, o uso

abusivo das tecnologias ganha novos adeptos diariamente, muitas vezes, de maneira preocupante (KING; NARDI; CARDOSO, 2014).

Alinhado com a preocupação recente sobre o uso excessivo de tecnologias (KING; NARDI; CARDOSO, 2014), o presente estudo identificou altos índices do fenômeno na amostra analisada, pois 37,5% dos participantes foram classificados como nomofóbicos, sendo que, quanto à intensidade de uso de tecnologia, mais de 50% da amostra foi classificada como fazendo uso elevado da tecnologia para os diversos fins. Os resultados corroboram os dados achados na literatura com estudantes universitários brasileiros (MODESTO; FONSECA; SOUSA, 2022), que aponta que foram identificados elevados índices de uso da tecnologia pelos estudantes para diferentes fins e que os universitários tendem a ser um público de risco para o fenômeno. Consequentemente, esta pesquisa complementa estudos anteriores no contexto de nomofobia em estudantes universitários no contexto brasileiro (ALMEIDA *et al*., 2021; KUBRUSLY *et al*., 2021; MODESTO *et al*., 2024; TEIXEIRA *et al*., 2019) e fora do Brasil (TURAN, YIMALZ, 2024), evidenciando a relevância de estudos com esse público-alvo.

Chama atenção também a relação dos traços de personalidade com uso intenso de tecnologia. De acordo com Santos (2003 *apud* QUARTO *et al*., 2006), alguns traços de personalidade indicam a possibilidade de maior ou menor adequação a determinadas atividades. No presente estudo, verificou-se uma relação positiva entre conscienciosidade e uso da tecnologia para fins educacionais. Nesse sentido, na conscienciosidade, estão indivíduos que regulam o próprio comportamento e sabem a importância do uso de tecnologia na educação, estando, consequentemente, mais dispostos a esse uso de forma saudável, tendo em vista que o uso para esse fim não parece prejudicial, se comparado a outros tipos de uso (MODESTO; FONSECA; SOUSA, 2022).

Na dimensão da amabilidade, foi encontrada relação significativa com a intensidade de uso para aplicativos de mensagens, o que pode ser entendido pelo fato de que estes indivíduos gostam de agradar o outro (LLEWELLYN; WILSON, 2003; YONG, 2007) e, com isso, tenderiam a maior uso de aplicativos de mensagens, pois esses sujeitos estariam disponíveis, normalmente querendo responder à demanda do outro. Interessante notar que estudos internacionais já apontaram que a amabilidade estaria relacionada a um medo de não estar conectado com outras pessoas e, consequentemente, perder informações importantes (ZHANG *et al.*, 2024).

Já sobre o neuroticismo, os achados apontam uma relação significativa para o uso de redes sociais e aplicativos de mensagens. Tendo em vista que esse traço reflete a instabilidade emocional ou a tendência de se excitar facilmente quando estimulado (LLEWELLYN; WILSON, 2003; YONG, 2007), os sujeitos com altos índices deste traço têm a necessidade de se conectarem a outras pessoas, o que incrementa o uso de redes sociais e aplicativos de mensagem. A associação entre neuroticismo e uso

excessivo de smartphones tem sido apontadas em estudos internacionais (NASRAN; SEMAN, 2024), indicando que a instabilidade emocional, típica do neuroticismo, é um elemento relevante para compreensão do uso excessivo de tecnologia.

No que se refere à abertura à experiência, foi encontrada uma relação positiva com a intensidade de uso para fins educacionais. Tal achado pode ser entendido em função da característica do traço referente a pessoas que não têm medo de novos desafios, são versáteis, imaginativas (YONG, 2007). Ou seja, podem ser entendidas como pessoas abertas para as inovações, e, consequentemente, à tecnologia no contexto educacional. Pesquisas anteriores têm apontado que a abertura à experiência tem se relacionado a maior aceitação do uso de tecnologia em diferentes esferas, a exemplo do uso de veículo automatizados (NORDHOFF; LEHTONEN, 2025), indicando como o uso da tecnologia está ligado a perfis de personalidade.

Apesar dos efeitos dos traços com a intensidade de uso da tecnologia, destaca-se o neuroticismo, pois foi a única dimensão que teve relação com a nomofobia. Esse resultado foi corroborado pelos trabalhos internacionais de Yildrim e Correa (2015), Nidhim, Janet e Sheela (2014) e Bhayangkara, Lerik e Benu (2024), que constataram que o neuroticismo tem relação significativa e positiva com a nomofobia. Pesquisas têm evidenciado que a regulação emocional está relacionada a diversas ópticas psicológicas. Por exemplo, o estudo de Mohammadkhani *et al*. (2016) mostrou que o neuroticismo foi um preditor significativo da falta de regulação emocional. Em outro estudo (YOON; MALTBY; JOORMANN, 2013), neuroticismo associou-se positivamente com uso de estratégias mal adaptativas de regulação emocional (e.g., supressão do pensamento, supressão expressiva e ruminação), o que ajudaria a explicar a dependência tecnológica. Especificamente sobre o papel moderador, verificou-se que a instabilidade emocional típica do neuroticismo parece incrementar a relação entre nomofobia e o uso da tecnologia para redes sociais e para o uso de aplicativos diversos, reafirmando a importância do traço de personalidade na compreensão da nomofobia e do uso de tecnologias em uma amostra de brasileiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo indicaram que a nomofobia é um fenômeno relevante entre estudantes universitários, com uma proporção significativa da amostra apresentando comportamentos compatíveis com dependência tecnológica. A análise revelou que a intensidade do uso da tecnologia, especialmente para redes sociais e aplicativos de serviços diversos, está associada à nomofobia. Dentre os traços de personalidade investigados, o neuroticismo demonstrou relação direta com a nomofobia e também atuou como moderador, intensificando a associação entre nomofobia e uso tecnológico em determinados

contextos. Outros traços, como conscienciosidade, amabilidade e abertura à experiência, também mostraram correlação com tipos específicos de uso tecnológico, porém não com a nomofobia diretamente. Assim, a personalidade mostrou-se uma variável explicativa relevante para compreender as diferenças individuais frente ao uso da tecnologia.

Com base nos resultados obtidos, recomenda-se que instituições de ensino superior elaborem estratégias preventivas e educativas voltadas à promoção da saúde digital, sobretudo, a partir de uma perspectiva reflexiva e não tecnicista (MARTINS *et al*., 2023; ROCHA; NAKAMOTO, 2023). Tais estratégias podem incluir oficinas de autoconhecimento e gestão emocional, ações de orientação sobre o uso consciente da tecnologia e acompanhamento psicológico contínuo para estudantes em situação de vulnerabilidade emocional. No âmbito das políticas públicas, é recomendável a formulação de diretrizes que integrem o cuidado com a saúde mental digital aos programas educacionais, reconhecendo a nomofobia como um fenômeno que afeta não apenas o bem-estar dos indivíduos, mas também seu desempenho acadêmico e sua qualidade de vida.

Apesar dos resultados consistentes, este estudo apresenta algumas limitações. Destaca-se o tamanho da amostra, composta por apenas 75 participantes, a maioria oriunda de cursos da área de tecnologia, o que pode limitar a generalização dos resultados para outras áreas do conhecimento.

Diante dessas limitações, sugere-se que futuras investigações utilizem amostras maiores, mais heterogêneas e distribuídas entre diferentes áreas do conhecimento, instituições e regiões do país. Pesquisas de caráter longitudinal poderão oferecer ainda uma perspectiva mais dinâmica das relações entre personalidade, nomofobia e uso da tecnologia ao longo do tempo, considerando que a personalidade pode sofrer alterações ao longo da vida (JACKSON; WRIGHT, 2024). Além disso, estudos qualitativos poderão ampliar a compreensão dos mecanismos emocionais e sociais subjacentes à nomofobia, permitindo um olhar mais aprofundado sobre o fenômeno.

Conclui-se que a nomofobia, embora amplamente disseminada entre estudantes universitários, não ocorre de forma homogênea, sendo fortemente influenciada por traços de personalidade, em especial o neuroticismo. A pesquisa demonstrou que o uso intenso de tecnologias, por si só, não é suficiente para explicar a presença de nomofobia, sendo necessário considerar as particularidades emocionais e comportamentais dos indivíduos. A principal contribuição deste estudo está na identificação do papel moderador da personalidade sobre os efeitos do uso digital, reforçando a importância de estratégias personalizadas na abordagem do fenômeno. Assim, o presente trabalho avança na compreensão da nomofobia no contexto educacional e oferece contribuições para o desenvolvimento de práticas de intervenção e de novas linhas de pesquisa sobre a temática.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. L. C. *et al*. **Perfil de nomofobia entre acadêmicos de medicina de Anápolis, Goiás** (Trabalho de conclusão de curso em Medicina). Anápolis: Universidade Evangélica de Goiás, 2021.

BARON, R. M.; KENNY, D. A. "The moderator–mediator variable distinction in social psychological research: Conceptual, strategic, and statistical considerations". **Journal of Personality and Social Psychology**, vol. 51, n. 6, 1986.

BAYIROĞLU, G. B.; DALBUDAK, İ.; PEPE, O. "Nomofobia e traços de personalidade: Análise da relação entre estudantes do ensino médio". **Conhecimento e Diversidade**, vol. 17, n. 45, 2025.

BERGNER, R. M. "What is personality? Two myths and a definition". **New Ideas in Psychology**, vol. 57, 2020.

BHAYANGKARA, N.; LERIK, M.; BENU, J. "Smartphone addiction reviewed from Big Five personality in college students". **Journal of Health and Behavioral Science**, vol. 6, n. 4, 2024.

BRANDSTÄTTER, H. "Personality aspects of entrepreneurship: A look at fivemeta-analyses". **Personality and Individual Differences**, vol. 51, n. 3, 2010.

COSTA, P. T.; MCCRAE, R. R. **Revised NEO personality inventory (NEOPI-R) and NEO five-factor inventory (NEO-FFI) professional manual**. Odessa: Psychological Assessment Resources, 1992.

CUNHA, L. R. L. *et al*. "Medo da COVID-19 e sofrimento psicológico: o efeito mediador da 'infoxicação' durante a pandemia". **Suma Psicológica**, vol. 30, n. 1, 2023.

DALBUDAK, I.; YILMAZ, T.; YIGIT, S. "Nomophobia Levels and Personalities of University Students". **Journal of Education and Learning**, vol. 9, n. 2, 2020.

DIB, J. E. *et al*. "Association Between Personality Traits/Dimensions and Fear of No Mobile Phone Connectivity (nomophobia): Results of a Lebanese National Study". **Primary Care Companion for CNS Disorders**, vol. 24, n. 5, 2022.

ENGELBERG, E.; SJÖBERG, L. "Internet use, social skills, and adjustment". **Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking**, vol. 7, n. 1, 2004.

GANEM, A. C. *et al*. "Personalidade e bem-estar subjetivo: o papel mediador do coping através de ouvir música". **Psicologia Argumento**, vol. 38, n. 102, 2020.

GEZGIN, D. M.; CAKIR, O.; YILDIRIM, S. "The relationship between levels of nomophobia prevalence and internet addiction among high school students: The factors influencing Nomophobia". **International Journal of Research in Education and Science**, vol. 4, n. 1, 2018.

HENRICH, J.; HEINE, S. J.; NORENZAYAN, A. "Most people are not WEIRD". **Nature**, vol. 466, 2010.

ITU - International Telecommunications Union. "Three-quarters of the world's population own a mobile phone". **ITU** [2022]. Disponível em: <www.itu.int>. Acesso em: 21/02/2025.

JACKSON, J.; WRIGHT, A. J. "The process and mechanisms of personality change". **Nature Reviews Psychology**, vol. 3, 2024

KASHIWAGI, S. "Japanese adjective list for the Big Five". *In*: RAAD, B.; PERUGINI, M. (eds.). **Big five assessment**. Germany: Hogrefe and Huber Publishers, 2002.

KHOURY, J. M. **Caracterização dos aspectos neuropsicológicos e fisiológicos da dependência de smartphone** (Tese de Doutorado em Medicina). Belo Horizonte: UFMG, 2018.

KING, A. L. S.; NARDI, A. E., CARDOSO, A. (org.). **Nomofobia**: Dependência do Computador, internet, Redes Sociais? Dependência do Telefone Celular? São Paulo: Editora Atheneu, 2014.

KUBRUSLY, M. *et al*. "Nomofobia entre discentes de medicina e sua associação com depressão, ansiedade, estresse e rendimento acadêmico". **Revista Brasileira de Educação Médica**, vol. 45, 2021.

KWIECINSKI, A. M. **Epinin**: Escala Psicométrica para Identificar Níveis de Infoxicação e Nomofobia em Estudantes do Sistema Superior de Ensino (Dissertação de Mestrado Profissional em Informática na Educação). Porto Alegre: IFRS, 2019.

LLEWELLYN, D. J.; WILSON, K. M. "The controversial role of personality traits in entrepreneurial psychology". **Education + Training**, vol. 45, n. 6, 2003.

MARTINS, S. P. *et al*. "O lugar das tecnologias na educação básica: um estado do conhecimento dos anais do EDUCERE (2008-2019)". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 15, n. 43, 2023.

MCCRAE, R. R.; COSTA, P. T. "The five-factor theory of personality". *In*: JOHN, O. P.; ROBINS, R. W.; PERVIN, L. A. (eds.). **Handbook of personality**: Theory and research. New York: Guilford Press, 2008.

MODESTO, J. G. *et al*. "O impacto do uso da tecnologia no bem-estar de estudantes universitários". **Revista Observatório**, vol. 10, 2024.

MODESTO, J. G.; FONSECA, G. A.; SOUSA, G. P. "O uso da tecnologia e nomofobia em estudantes universitários". **Revista Conhecimento Online**, vol. 2, 2022.

MODESTO, J. G.; PEREIRA, K.; CARVALHO, R. "Associação entre os cinco grandes fatores da personalidade e a intenção de corrupção". **Actualidades en Psicología**, vol. 35, n. 131, 2021.

MOHAMMADKHANI, P. *et al*. "The role of neuroticism and ex-periential avoidance in predicting anxiety and depression symptoms: Mediating effect of emotion regulation". **Iranian Journal of Psychiatry and Behavioral Sciences**, vol. 10, n. 3, 2016.

MORAES, M. R.; HUMMEL, E. I.; SILVA, E. P. "Tecnologia assistiva como recurso pedagógico: Concepções dos docentes das salas de recursos multifuncionais". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 15, n. 43, 2023.

NASRAN, N. S.; SEMAN, S. A. A. "Tied to tech: The connection between personality traits and nomophobia". **Social and Management Research Journal**, vol. 21, n. 2, 2024.

NIDHIM, A.; JANET, M.; SHEELA, W. "A study to Access the Knowledge and Effect of Nomophobia Among Students of Selected Degree colleges in Mysore". **Asian Journal of Nursing Education and Research**, vol. 4, n. 4, 2014.

NORDHOFF, S.; LEHTONEN, E. “Examining the effect of personality on user acceptance of conditionally automated vehicles”. **Scientific Reports**, vol. 15, 2025.

OKOYE, C.; HARRY, H.; OBIKWELU, V. “Nomophobia among undergraduate: Predictive influence of personality traits”. **Aphriapub**, vol. 7, n. 2, 2017.

PANCORBO, G. *et al*. “A teacher like me? Different approaches to examining personality similarity between teachers and students”. **European Journal of Personality**, vol. 36, n. 5, 2021.

PASSOS, M. F. D.; LAROS, J. A. “Construção de uma escala reduzida de Cinco Grandes Fatores de personalidade”. **Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment**, vol. 14, n. 1, 2015.

PERUGINI, M.; DI BLAS, L. “The Big Five Marker Scales (BFMS) and the Italian AB5C taxonomy:Analyses from an etic-emic perspective”. *In*: RAAD, B..; PERUGINI, M. (eds.). **The Big Five personality factors**. Germany: Hogrefe and Huber Publishers, 2002.

PETERS, H.; MATZ, S. C. “Large language models can infer psychological dispositions of social media users”. **PNAS Nexus**, vol. 3, n. 6, 2024.

PETTIGREW, T. F. “The emergence of contextual social psychology”. **Personality and Social Psychology Bulletin**, vol. 44, n. 7, 2018.

PIRES, P. H. B. *et al*. “A influência da intensidade do uso de tecnologia e da nomofobia no burnout”. **Revista Gestão e Tecnologia**, vol. 25, n. 1, 2025.

PRENSKY, M. “Nativos digitais, imigrantes digitais”. **On the Horizon**, vol. 9, n. 5, 2001.

QUARTO, C. C. *et al*. “Considerando os fatores sócio-afetivos personalidade e liderança em ambientes de ensino-aprendizagem colaborativos assistidos por computador”. **Anais do XVII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação**. Brasília: UnB, 2006.

RAUTHMANN, J. F. “Personality is (so much) more than just self-reported Big Five traits”. **European Journal of Personality**, vol. 38, n. 6, 2024.

ROBERTS, B. W.; WOOD, D.; CASPI, A. “The development of personality traits in adulthood”. *In*: JOHN, O. P.; ROBINS, R. W.; PERVIN, L. A. (eds.). **Handbook of personality**: Theory and research. New York: Guilford Press, 2008.

ROCHA, R. S.; NAKAMOTO, P. T. “Tecnologias digitais de informação e comunicação na sociedade contemporânea: um estudo teórico-crítico sobre sua utilização na educação”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 14, n. 40, 2023.

SIQUEIRA, E. P.; MODESTO, J. G.; BESSA, S. “‘Professor como vítima?’: Um estudo sobre o bullying vivenciado pelo professor”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 15, n. 43, 2023

TEIXEIRA, I. *et al*. “Nomofobia: os impactos psíquicos do uso abusivo das tecnologias digitais em jovens universitários”. **Revista Observatório**, vol. 5, n. 5, 2019.

TURAN, Z.; YILMAZ, R. M. “Do personality traits influence nomophobia? An investigation of the Big Five personality traits and nomophobia levels in university students”. **Psycho-Educational Research Reviews**, vol. 13, n. 1, 2024.

YILDIRIM, C.; CORREIA, A. “Exploringthe dimensions of nomophobia: Development and validation of a self-reported questionnaire”. **Computers in Human Behavior**, vol. 49, 2015

YILMAZ, F. G. K.; KARA, M.; YILMAZ, R. “Investigation of personality and psychosocial antecedents of nomophobia among university students”. **Telematics and Informatics Reports**, vol. 15, 2024.

YONG, L. **Emotional excellence in the workplace**: Leonard Personality Inventory (LPI) personality profiling. Kuala Lumpur: Leonard Personality Incorporated, 2007.

YOON, K. L.; MALTBY, J.; JOORMANN, J. “A pathway from neuroticism to depression: Examining the role of emotion regulation”. **Anxiety, Stress and Coping**, vol. 26, n. 5, 2013.

ZHANG, W. *et al*. “The relationship between Big Five personality traits and fear of missing out: A meta-analysis”. **Personality and Individual Differences**, vol. 230, 2024.

ZHAO, H.; SEIBERT, S. E. “The big five personality dimensions and entrepreneurial status: a meta-analytical review”. **Journal of Applied Psychology**, vol. 91, n. 2, 2006.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano VII | Volume 22 | Nº 65 | Boa Vista|2025

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima